MÖBIUS
ANO 1, N 02
onde peregrina o silêncio
@poemizax

editorial

você não percebe até que seja muito tarde – essa é a regra. percepção é um nome pomposo que damos ao nosso atraso. perceber é chegar depois do horário, é perder o buzo, é tomar o gol... o goleiro que cata a bola não percebe nada, ele pula louco no vácuo da intuição (e das probabilidades). as portas da percepção são apenas portas, não existe nada por trás delas. vccê não percebe até que seja tarde demais, e isso é maravilhoso, se não você acertaria todas, venceria todas, e alguém que vence todas não tem histórias pra contar – foi isso que os bluesman conseguiram entender, é por isso que não existe blues sem os bends e os slides, é a arte de afinar depois, de demorar a chegar, é a arte do ajuste fino, porém pregioçoso, é arte do deslize e que coisa linda é um deslize, qualquer skatista sabe disso. eu também sei, e quando olho os pássaros pequenos pairando nos seus cabelos, eu sinto que você também entende, todas as vezes que a toalha escapa dos seus ombros sem que eu esteja lá pra ver...

---

naquele tempo, eu me sentia muito sozinho e isso não era exatamente um problema. eu estava escrevendo, escrevia todos os dias, quase com a mesma frequência com que me masturbava. bebia pouco, mas bebia sempre, e às vezes passava horas sem pensar em nada... isso não é verdade, eu sempre pensava em muita coisa, mas as coisas nunca me vêm em forma de conceito, mas de enredo, então eu contava para mim mesmo uma história longa e complicada, e quando chegava ao fim, não me lembrava mais do começo – daí a sensação de passar horas sem pensar... assim como o vazio em minha mente nunca me impediu de escrever, a solidão não me impedia de amar, eu tinha amantes, e ter amantes era uma parte fundamental do meu processo. uma amante não é uma prostituta (embora prostitutas também tenham sua importância). as prostitutas são artistas, elas fazem seu espetáculo, recebem seu cachê, você pode aplaudir ou não, mas não pode deixar de pagar, ela agradece, segue em frente, se esquece de você...

às vezes, tudo que você quer é essa sinceridade frígida e mercantil de um artista... mas não sempre, ninguém toleraria isso por tempo demais. os artistas sabem disso, por isso fingem que não são assim, que não são prostitutas emprestando seus corpos para outros sonharem – pior pra eles... de todo modo, amantes não são assim. uma amante é uma amiga com quem faz sentido transar. você conversa literatura com ela, música, filosofia, debate politica, fala de guerra, de teorias miasmáticas, segredos de liquidificador... não existem homens amantes, eles são idiotas demais para isso. foram as mulheres que inventaram o amor. um dia, um homem, idiota como de costume, se apoderou de uma amante, tomou-a egoisticamente só para si – estava inventado o casamento, escravizado o amor. consciente da merda que tinha feito, ele tratou de encontrar outra amante, enquanto a primeira definhava na gaiola... eu sou contra o casamento, mas muito a favor do amor, e não penso, de maneira nenhuma, que isso seja um remédio contra a solidão.

Fantaxmagoria Zero

Vivemos numa cidade fantaxma: de casas erguidas sobre tumbas de índios flagelados e deuses esquecidos; sobre os ossos secos dos balaios esfaqueados, cinzas de prostitutas suicidas, lembranças desbotadas de lugares em cima dos quais se construíram lugares, e em cima dos quais se construíram outros lugares.
(A fantaxmagoria é a erupção de uma arqueologia - é o eterno retorno do soterrado).
Cidade fantaxma - assentada sobre o esqueleto de uma serpente mística, delineada pela pata do boi de Mitra, de Dionísio, de Tupã -a caveira na estrada do boi de Exu.
Casarões fantaxmáticos que se deterioram - qual varíola corroendo homens sem vacina.
...entre o passado e o presente fixando-me no espaço livre..." - ali campeia o fantaxma.
O passado e o presente são signos já amplamente gastos de nossa existência humana. Queremos o espaço livre, o oco, o não significado. Queremos nos balançar no espaço livre e arrombar. Ser e fazer o arrombamento através do qual irromperão as fantaxmagorias que soprarão expantos, visagens e assombrações. Não um novo, mas um outro. Uma arte que se confaz pela borda exterior do vigente sistema de representação. Um arrombamento. Uma vialinguagem. Uma alforria!

Fantaxmagoria 6

A poesia não pode ser capturada - nem pelo verso, nem pelo livro, nem pela forma, nem pelo conteúdo, nem pela crítica, nem pela crônica, nem pela pena nem pela enxada. A poesia é justamente o que escapa, o que falta ao mesmo tempo em que sobra. Resíduo e mancha, delírio e deslize- poesia é xamanismo reinventado: chás alucinógenos de ervas ou virtudes, sobriedades ou desesperos. Poesia é fazer cantar o gozo da linguagem.

Fantaxmagoria 7

Fantaxmagoria é rede: o médium/media ao se conectar com o mundo das sombras, pede sempre a um fantaxma mais próximo que o enlace àquele a quem busca - os fantaxmas vão se conectando uns aos outros, imensa teia de plasmas e assombrações, comunidade não orgânica (nem mecânica) - DEUS EX MALINA.
O fantaxma é simultaneamente fluxo e ponto de ancoragem - o uivo do fantaxma na densidade da noite invade casas e pesadelos: vasos que se comunicam por expantos... ou expasmos.
Todo fantaxma é uma persistência de conexão - por isso ele desdenha das religares. Assombrar os passantes, arrombar os espaços: e

Fantaxmagoria 1

Até hoje os poetas têm se limitado a... os poetas não se limitam.

Fantaxmagoria 2

Alguns fazedores de verso escrevem para a bajulação - assombrar é preciso.

Fantaxmagoria 4

Onde existir uma fresta, ali deve existir um fantaxma.

Fantaxmagoria 5

A verdadeira máquina de escrever é o corpo.